



SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 13 de Maio de 1916

NUM. 6

Data Aurea

→ Mais uma data festiva da Patria, e das mais notaveis pelo alcance social e humano, essa que hoje passa lembrando o acto revolucionario do Gabinete João Alfredo que, com a assignatura da Princeza Imperial Regente, decretou a emancipação definitiva da raça negra no Brazil.

Desde 1831 que os individuos de coração, os espiritos liberaes, victoriosos com a lei que extinguiu o infame trafego de africanos, vinham, com a corrente de ideias novas, preparando, cada vez mais, a liberdade do homem nesta parte do continente americano. Infelizmente, porém, a abolição do trafego de africanos, cuja lei só em 1850 teve effectiva execução, não aboliu a escravidão do negro nem mesmo vedou o commercio de escravos. O acto imperial limitava-se a vedar a importação do homem negro.

A guerra de cessação americana, porem, pondo em relêvo a ignominia de tão execravel instituto, mostrou toda hediondez dessa infame propriedade e veio trazer novos alentos aos libertarios, tornando imperiosa a necessidade de medidas de ordem legal mais radicaes afim de gradualmente libertar o Brasil do braço, escravo.

Os libertarios, então, redobrando de vehemencia, fazendo esforços moraes acima dos maiores louvores, obtiveram a lei de 28 de Setembro de 1871, que, se ainda não extinguiu de todo a torpe propriedade, limitou-lhe a existencia até 31 de Dezembro de 1899.

E' que, a despeito de todos os mais ingentes esforços, ao Poder Imperial, necessario se tornava

transigir com os retrógrados, porque o negro, cujo numero elevava-se então a umas setenta mil cabeças, representava capital e coeeficiente de produção de tal maneira ponderáveis que a sua immediata abolição, parecia, viria produzir o desequilibrio economico e até social do paiz.

Mas nem por isso desanimou nem parou o valor dos liberaes. José do Patrocinio, o grande negro, Joaquim Nabuco, e outros, e tantos outros d'aquella phalange brilhante que foi a grande gloria e a honra da patria, mais que nunca, ardorosos e abnegados, sustentando a conveniencia social e humana da emancipação definitiva, a 13 de Maio de 1888, da mesma Princeza que decretára o *Ventre Libre*, obtiveram a grande lei que, para sempre, libertou o homem negro cujo unico crime era o de ser docil, compassivo e bom, contribuindo pelo trabalho, para manter farta a ociosidade do senhor!

Entretanto a monarchia, com o decretar a *Lei Aurea* golpeou-se de morte, lançando francamente os fundamentos mais solidos da revolução de 15 de Novembro de 1889 que, afinal, libertou e igualou todos os cidadãos do Brasil.

Ao negro, pois, que foi o verdadeiro e quasi unico elemento creador do paiz, coube ainda, por uma rara felicidade, por um concurso feliz de circunstancias, como compensação collectiva ao seu secular aviltamento, libertar o branco e dignificar a patria fazendo-a grande ás vistas da humanidade e igual no concerto de suas irmãs americanas.

O OLHO, que, dentro da patria, não distingue cores, vendo tão sómente brasileiros animados do mesmo ideal que é a grandeza nacional, de coração, associa-se ás festas commemorativas da grande data que relembra a decretação da *Lei Aurea*.

HOMENAGEM A' PROBIDADE



O ABOLICIONISTA

Manoel da Silveira Bittencourt



Impressões Semanaes

A semana, póde dizer, foi cheia de uma curiosidade nova, que saccüdiu nervosamente todos os seus sete dias bem contados. Ha bem tempo não nos vinha agitar *frissou* como esse. Por todos os recantos da cidade só se ouviam commentarios acerca do concurso de Português e Literatura, para preenchimento da cadeira, vaga na Escola Normal pela aposentadoria do venerando ancião Wenceslau Bueno.

De facto, o concurso foi renhido. Os adversarios ainda estão a medir forças, tressuando,---apezar desses dias maiosinhos, azues e frescos.

De parte do publico ha sympathias por este ou aquelle candidato, e os ditos enxameiam o ar, zumbindo e revoando.

Todos andam ansiosos por ver qual será o nomeado... Nós tambem, daqui o confessamos, temos a nossa curiosidadesinha a nos fazer cocegas ao espirito... Impossivel, porém, nos é, predizer de quem será a victoria. Nessas coisas não ha perspicacia sibyllina que lógre acertar... O Barão Ergonte, por mais que mirasse e remirasse, através das palmeiras do Mangue, a posição das constellações, para dellas tirar qualquer presagio, talvez não acertasse... Tudo depende de sorte em exame; pelo menos é o que dizem os reprovados...

Esperemos, porque não é preciso esperar cem annos. Dentro em pouco a nossa curiosidade será satisfeita.

E nós só calculamos quanta desillusão não desabará sobre muita alma, por ahi além, quando a imprensa indigena gemer o resultado das provas!

Por enquanto: calar e esperar! Do alto da proxima semana quarenta surpresas nos contemplam!

E como, duas linhas atrás, falámos da imprensa indigena, convém lembrar aqui o anniversario, que hoje passa, do nosso querido e victorioso collega O *Estado*, que, por sua nobre imparcialidade e verdadeira comprehensão do postulado da imprensa diaria, se tem imposto, indiscutivelmente, ás sympathias de Florianopolis. As *Impressões Semanaes* registam com alegria o facto e lamentam não poder transformar estas sinceras palavras em outras tantas flores polychromaticas com que se engalanasse o solio de mais um anno; ao qual ascende o collega.

Tambem hoje se commemora a libertação dos escravos, a reivindicacão dos direitos da raça negra no Brazil.

Essa data accorda em nós todos os sentimentos humanitarios e os principios da igualdade humana. Bem é, pois, que a festejemos!

* *

Depois de ter dito isto, perguntamo-nos o que diremos mais. Nada, é claro.

O circulo dos 7 dias nada mais nos deu que merecesse registo. São factos sem importancia, todos irmãos, duma chateza irritante.

Florianopolis é um ninho de calma e silencio... com *bonds* tirados por burricos philosophos. O seu sossego é pasmoso e inalteravel. Si João Baptista tornasse ao mundo, não escolheria o deserto para jejuar; envergaria o melote, empunharia o cajado e viria da Palestina para aqui, a restaurar a saúde da alma. A unica difficuldade, talvez, que se lhe depararia, era da falta de gafanhotos.

Ora, lá diz o rifão que, quem não tem cão, caça com gato,

Carecendo de gafanhotos, João Baptista podia muito bem ir almoçar no *Taranto*, jantar no *Macedo* e... dormir na Chefatura.

As coisas em Florianopolis são assim faccis.

Flamma-Riori

Dr. Polydoro Santiago

Na Laguna, onde occupava com notavel competencia, o alto cargo de engenheiro chefe dos melhoramentos da Barra, falleceu ha dias, o distincto catharinense sr. dr. Polydoro Olavo de Santiago.

O illustre morto occupou na politica estadual lugar de destaque, tendo sido vice-governador na administração Hercilio Luz e deputado ao Congresso Representativo.

A sua familia O OLHO apresenta as expressões do seu profundo pesar.

Agradecendo a noticia que demos da passagem do 81º anniversario da creação da força policial estiveram em a nossa redacção os snr. tenente Manoel Pereira da Silva e alferes Odilon Ferreira, do Regimento de Segurança.

Somos gratos a essa gentileza do digno Commandante e distincta officialidade da nossa milicia.

E' pelo esforço e não pelo exito, que se mede o caracter de cada um.



Salve ó data ideal, sublime, magestosa,
Explendor da justiça, estrella radiosa.

E's um canto de paz, um canto venturoso,
Que dá vida ao proscripto, e fé ao desditoso

Tu quebraste do escravo a algema torturante,
E o tronco negro, vil, o tronco horripillante.

E's o alento da dôr, és perdão do culpado,
E's um beijo da aurora em um céu estrellado.

Libertaste uma raça ao mundo escravizada,
Na negra oppressão vil, cruel, desnaturada.

E's visão radiosa, és cantar de esperança,
E's um canto de amor, es sorrir de creança

Da sensala, fizeste um lar todo ventura,
Banhado dos clarões da paz festiva e pura.

E's a deusa do bem, és a deusa ideal,
Toda feita de luz e toda ella sem mal.

Do Senhor feito algoz o braço altivo e forte,
Tu fizestes cessar a sua lei da morte.

E's um sól bonançoso, és o eterno sorriso,
Que abre as portas do céu, genial paraizo.

O esteítor da miseria e o negrejar da fome,
Ao escravo infeliz, jamais, jamais, consome.

E's da rosa o perfume encantador, subtil,
Quando evola-se alegre aos encantos de Abril.

Tu do escravo infeliz, fzeeste um cidadão,
E mostraste-lhe a lei, da vida e da razão.

E's por isso a victoria e tens n'alma um altar,
Mais extenso que a terra, mais lindo que o mar.

Tua aurora espancou toda a treva da dor,
Transformando os grilhões em correntes de amor.

E's a lei divinal lei que a um povo deu vida,
E's de todas a santa, a divinal, querida.

E's do campo o matiz, refulgente, dourado,
E's o canto do pombo entre idillios, amado.

E's a mãe piedosa, a mais santa e mais pura,
E's a estrella do céu que mais brilha e fulgura.

Salve ó treze de Maio, aurea lei de perdão,
Que a um povo deu a vida e de outro fez irmão.

Trajano MARGARIDA



Orlando Chaplin

Fomos ante-hontem surprehendidos com a triste nova do fallecimento na capital federal do nosso joven e intelligente conterraneo Orlando Chaplin, telegraphista de 5^{ta} Classe da Repartição Geral dos Telegraphos.

A noticia que se espalhou celere pela cidade deixou em todos que conheciam o distincto joven a mais profunda consternação.

No vigor dos 22 annos de idade, quando iniciava a sua carreira publica, certo de que pelo seu talento, pela sua dedicação ao trabalho e pela nobreza de seu character adamantino, conquistaria logar de destaque entre os da sua classe, é que a Parca implacavel lhe vem ceifar a vida longe dos carinhos e desvellos dos seus extremos pais e irmãos.

O Olho, que via em Orlando Chaplin um catharinense que honrava lá fóra o nome da terra em que nascera, apresenta aos seus dignos pais e irmãos as suas sinceras condolencias.

O tio Lucas

Um domingo destes, pela manhã, -- clara manhã muito amena e fresca, -- fugindo à banalidade do centro, tomamos o bonde que nos levou, apoz meia hora de estafante marcha, ao arrabalde da Pedra Grande.

Os primores da nossa paisagem, a perspectiva magestosa dos morros, as nossas chacaras... as palmeiras esbeltas jogando para o ar azul os seus leques, o mar calmo, espelhento... tudo isso que era o encanto da nossa vista, fazia-nos esquecer o martyrio de meia hora de bonde e de meia hora de poeira !...

A Pedra Grande é talvez dos nossos arrabaldes o mais pittoresco, o que mais encantos nos proporciona; além de que, o mar, recortando as curvas caprichosas das praias e enfeitando-as de babados de espumas, dá-lhe a frescura e a amenidade que de balde procuramos em outros sitios da nossa capital.

Pois é por lá que passeia o seu arcabouço encarquilhado e feio, como um tronco de arvore carcomido, uma das creaturas talvez a mais interessante da nossa Ilha. Chamam-no o Tio Lucas.

Em outros tempos fora possuidor de alguns haveres; tivera a sua casinha, muito pequena mas muito alegre na brancura de sua caiagem, trepada no flanco do morro, com uma chacarasinha, cujas arvores davam os fructos que muitas vezes constituia o unico sustento do velho.

Mas a sua casinha levaram-na... e elle agora

vive pelas ruas, abrigando-se sob os telheiros, soffrendo as inclemencias da natureza, compadecido de uns, repellido por outros.

Ao saltarmos do bonde deparamos o bom velho sentado, olhando vagamente a rua, com as faces franzidas e seccas, em que se advinhava o grande desalento que lhe ia n'alma.

--Oh ! Tio Lucas como vamos ?

--Eh ! moço, nem eu sei... assim... doente...

--Qual homem, doente o que ?... Conte uma daquellas do seu tempo.

--Ora...

E aquella bocca tão feia, de poucos dentes, franziu-se num riso amargo, riso de quem sente as saudades dos tempos idos, de quem tem certeza de que elles não voltam mais...

--Ah! moço, bom tempo aquelle: hoje... outros tempos... outra gente...

E ficou a olhar o chão, fixamente, como que procurando neile, as mentiras as mais absurdas e inverosímeis, cu antes as *façanhas* do seu tempo de moço; e arrematava sempre:

--Naquelle tempo sim; hoje, outros tempos...outra gente...

E contou-nos então as proezas duma cobra enorme que todas as noites sahia do fundo do mar e ficava atravessada entre a Ilha e o continente!...

--Eh ! bicho grande!... Ha meia noite em ponto ella apparecia...

Então a gente aproveitava e era aquelle *pu-dê* de gente, gente a pé, gente a cavallo, carros, carroças... tudo passava pra Biguassú, a pé enxuto... e o bicho nem se mexia !...

A custo continhamos o riso!...

--Naquelles tempos via-se cada cousa... Hoje?... Qual... Outros tempos...outra gente...

E abanava a cabeça (toda branca...

* *

Deixamol-o sosinho, o bom velho. entregue á sua tristeza, olhando vagamente a rua num olhar triste, nostalgico...

Deixamol-o sosinho e fomos a pensar nessas creaturas, tão simples e tão ingenuas, que a pobreza espalha por esses sitios da nossa Ilha...

O Tio Lucas..

A. S.

Fpolis---11 Maio-916

--Apresentamos ao nosso digno conterraneo sr. capitão-tenente Lucas Boiteux e á sua exma. esposa os nossos parabens pelo nascimento de mais um filhinho.



A ESCRAVA

Passaste ! passou-me diante, na frente,
nos olhos, nos labios, da infamia o cartel !
Pensei --eras ella ! coitada, innocente !
das azas manchadas de sevo Azrael.

A noite, no manto coberto de estrellas,
nos diz quantos cyrios de Deus tem o altař;
e marca, na terra, do escravo uma esp'rança,
em cada luzeiro dos anjos um lar.

Escrava ! chorosa, talvez a luxuria
comprou-te do rico nos prancos sem fé;
insano, não via, na frente do leito,
severo, sombrio, teu anjo de pé !

O pranco que os homens sorrindo desprezam
deli-se, evapora-se, alea-se a Deus !
E quando, no mundo do crime---esta gloria
se finda, começa-se a tua- -nos céos !

E elles que ao lado lançaram na vida
as rosas do Eden---vendendo a mulher,---
terão por austera sentença da historia:
Semiramis, Judith, Dalila e Esther !...

O nosso joven contrerraneo Alcebiades Valerio Silveira de Souza, recém-chegado de São Paulo em visita aos seus progenitores.

1888

Dr. Catão Callado

Folha do Sul

Passou em 2 do corrente o anniversario da nossa estimada collega *A Folha do Sul*, que se publica em Tubarão.

O numero commemorativo ao seu anniversario traz clichés de diversas autoridades.

Ao seu redactor sr. Herminio Menezes apresentamos os nossos parabens.

CHIC AMERICANO

Este importante estabelecimento de modas, sito á rua Republica n' 6, de propriedade de Maya & Irmão, acaba de receber um grande e variado sortimento de chics confecções para homens e senhoras.

Os leitores nada perderão fazendo uma visita ao "*Chic Americano*."

Do sr. Fernando Veiga recebemos duas latas da farinha Semolina Phosphatada, de Leal Santos & Cia. A Semolina é uma farinha de sabor agradável e por isso bastante recommendavel ao preparo de mingaus.

Agradecendo a gentileza da offerta, recommendamos ao publico o uso da Semolina.

Entre artistas, em palestra amena:

---As mulheres são mais formosas do que os homens.

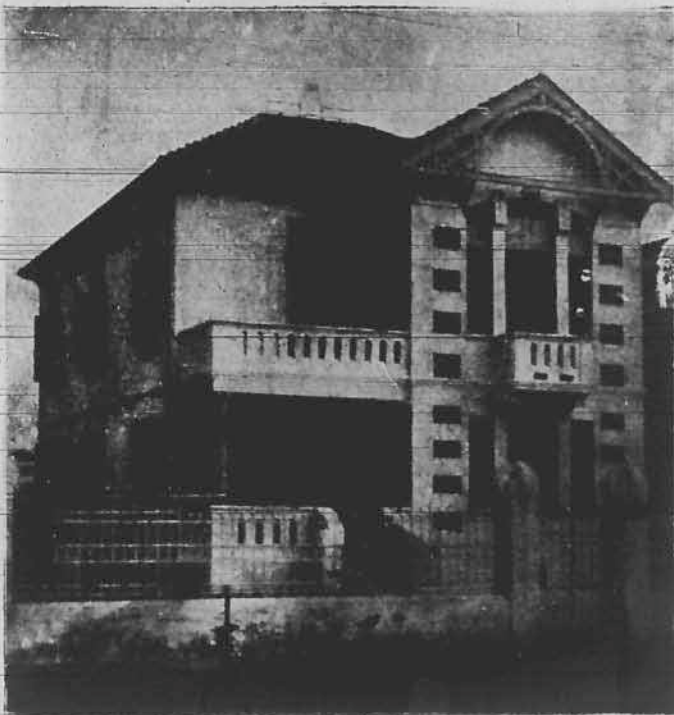
---Naturalmente !

---Naturalmente, algumas. ... Artificialmente todas.

A educação d'um homem sente-se até nas grosserias a que o podem levar as surpresas da paixão.

Ocr. Feuillet

O OLHO EM SANTOS



Propriedade e residencia do nosso conterraneo Lindolpho Formiga, Caixa geral da Cia. Docas de Santos. Avenida Conde de Nebias.

O "Estado"

Passa hoje o primeiro anniversario desse nosso illustrado collega que, abriu novos horizontes á imprensa diaria do nosso Estado.

Jornal de grande formato, redactoriado com especial capricho, com noticiário abundante e optimo serviço telegraphico, *O Estado* há se imposto ás sympathias publicas.

Ao seu director nosso prezado amigo sr. Dr. Henrique Rupp Junior e ao distincto corpo redactorial, *O Olho* envia affectuosos abraços com os votos que faz pela prosperidade do brilhante diario.

No collegio:

O que é que separa o riso das lagrimas ?...

O pequeno depois de pensar um momento, responde triumphantemente:

---O nariz.

UM POUCO DE TUDO

Pode viver-se com pessoas bem educadas sem espirito; mas não se pode viver com pessoas de espirito sem educação.

Na Nova Galles do Sul (Australia) são castigados os grevistas com uma pesada multa, ou dois mezes de carcere.

O mau tem dois modos de ser nocivo: fazendo o mal e fazendo o bem.

A complacencia dá-nos amigos; a verdade, inimigos.

A lisonja é moeda falsa a que a nossa vaidade dá forçado curso.

Morreu, no fim de 1914, na Australia, em Melbourne, um solteirão de oitenta e dois annos, em cujo espolio foi encontrado um magnifico contador de marfim, dentro do qual estavam guardadas, e atadas aos massos de cincoenta, com cadeias de prata guarnecidas de joias, 2800 cartas de amor, que lhe haviam sido escriptas por seis mulheres diferentes.

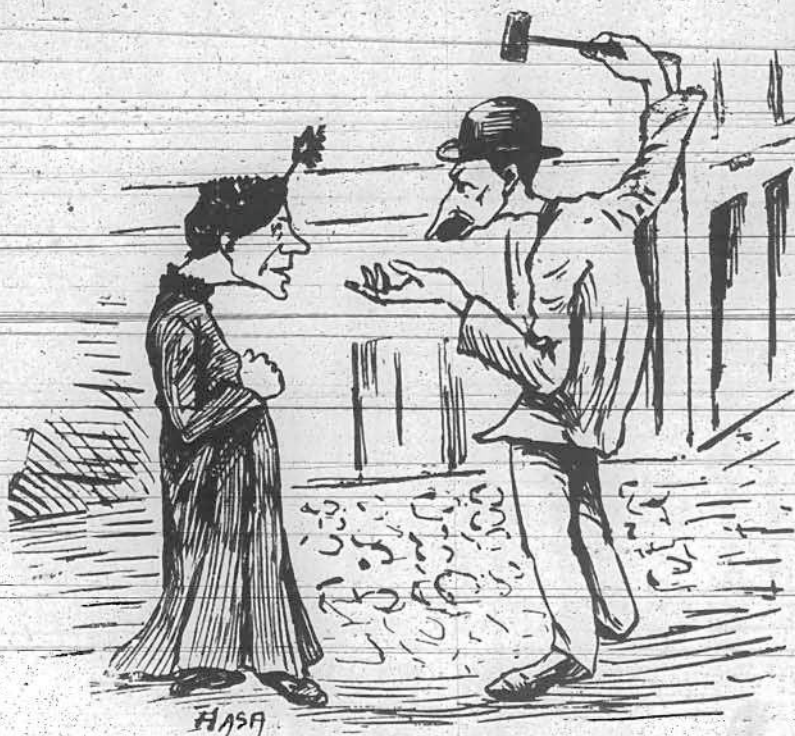
Major Nestor Passos

Para a Capital Federal, em cuja guarnição vai servir, seguiu no *Anna*, acompanhado de sua exma. familia o nosso distincto conterraneo sr. major dr. Nestor Sesefredo dos Passos.

Ao embarque do brioso militar, que é um dos mais bellos ornamentos do nosso Exercito, compareceram toda a officialidade da guarnição, officiaes do Regimento de Segurança e crescido numero de amigos.

O Olho reitera-lhe os votos de boa viagem que um dos nossos companheiros apresentou-lhe.

Depois da tristeza de nossos amigos, disse um sabio, o que mais devemos receiar é a alegria de nossos inimigos.



—O sr. não vio o Carlito?

—Ora, não me aborreça. Já o botei em leilão.

Centro Civico

O Centro Civico e Literario realisa, hoje, em sua sede social, á rua Jeronymo Coelho, ás 18 horas uma sessão civica commemorativa á abolição da escravatura.

Fallarão nessa sessão os srs. Laercio Caldeira, professor Orestes Guimaraes, dr. Tancredo Costa e outros oradores.

O magnifico artista italiano das caricaturas e «calembourg», levou a semana inteira a bocejar, prometter, ensaiar o traço... e nada. E dizem ainda que o «bersaglieri» (que bem lhe ficava aqueles pennachos esvoaçantes) é duma paciencia impercível, a toda prova, e que leu o Cesar Cantu, dum folego, sem prestanejar, pacientemente.

O peor, porém, é que o veneziano fugiu esta semana quasi deixando O OLHO sem caricatura.

Foi certamente, para as linhas da frente.

Ao Sr. dr. Marinho Lobo, digno e zeloso administrador dos Correios, rogamos a gentileza de providenciar para que a nossa Revista seja distribuida no mesmo dia em que a collocamos no Correio, e não no dia seguinte como aconteceu com o nosso ultimo numero.

Pelos Lares

Festeja hoje o seu anniversario natalicio o nosso prezado amigo sr. José Pedro Duarte Silva, digno primeiro escriptuario do Thesouro do Estado. O Olho abraça-lhe affectuosamente.

Ha muitos homens que ao despontar do sol viram a propria sombra, pensaram de ser grandes, melhor para elles se tivessem morrido á meia noite.

Guerrazzi

A ASSASSINA

QUANDO o doutor commissario de policia mandou que trouxessem a sua presença a mulher que havia sido presa instantes antes, todos nós convergimos curiosamente o olhar para a porta que dava accesso a pequenina sala de audiencias: iamos ver emfim a sanguinaria protagonista de um tenebroso drama da vida real.

Dentro, na sala, o silencio era absoluto. Fleugmaticamente o commissario de policia coñava a barba hisurta e rala, e a um seu lado o seu escrivão predispunha-se a escrever o interrogatorio da assassina, que ia ter principio.

De subito a presa appareceu. Era uma mulher robusta, moça ainda, de masculas feições e olhar energico que bem denotavam uma inquebrantavel firmeza de animo. Avançou, de cabeça erguida, ate junto a secretaria do commissario de policia e esperou, impassivel, de pe, que se lhe falasse.

O doutor commissario fitava-a insistentemente. Dir-se-hia querer penetrar-lhe ate o fundo d'alma e retirar d'ahi tudo quanto por ventura os labios da accusada deixassem de revelar... Por fim, principiou a interrogar-a.

Ella respondia sempre desembaraçadamente e com altivez, sem desviar os olhos dos do commissario; e erecta e firme como se fora ella propria a Imagem da Justica.

Quando o doutor commissario perguntou-lhe se sabia de que delicto era accusada, a presa entre-abriu os labios n'um sorriso perfido e cheio de zombaria.

—Oh! mas-ninguém poderá saber o melhor do que eu! Accusam-me de haver assassinado o meu marido, não é? Não o nego! Tenho as mãos ainda tintas de sangue olhe...

Mas vinguei-me! Pagou-me caro, o cão a ferida que aqui me fez...

E n'um gesto brusco, desabrindo o peito, ella mostrou ao commissario um signal azulado, em forma circular, precisamente entre os seios tremulos e mornos. E accrescentou com raiva:

—Veja! Mordeu-me o bruto!

—Ah!—fez o commissario, curvando-se para ella,—houve então lucta entre ambos?

A presa não respondeu. Annuviou-se-lhe o semblante repentinamente, e ella mordeu os labios como que para não proferir uma blasphemia.

Sentindo-se talvez guiada por uma idea luminosa, o commissario de policia satisfeito, sorriu imperceptivelmente, e carregou sobre um tympano.

Surgiu um policial a entrada da sala. O commissario que, sósnho, ia representar uma farça, fel-o approximar-se. E depois, severamente, dirigindo-se a accusada:

—E' indubiavel o facto de ter havido lucta entre vós e vosso marido. O vosso proprio silencio m'o confirma. Mas qual a causa dessa lucta? E' o que eu de-sejo saber, e que o precisamente me occultais, mais baldamente, porque alguém virá agora revelar-me o segredo que vos força a estar calada.

A presa permanecia impassivel. O doutor commissario fez uma breve pausa e depois, em voz sonora e clara, dirigindo-se ao policial:

—Ordene que me tragam agora o preso, o amante dessa senhora. —E apontou para a accusada.

Um grito de desespero e angustia irrompeu, então dolorosamente, do peito da assassina. Pintou-se-lhe no rosto um enorme espanto; seus olhos, desmesuradamente abertos, fixaram com desvaio o commissario de policia. E exclamou, supplicou, torcendo as mãos desesperadamente e com soluços na voz:

—Ah! carrascos, prenderam-no tambem. Mas hão de deixar que elle se vá... Sim deixem-no ir, porque eu só que sou a criminosa... Então não me puvem? Fui eu quem matou a meu marido... Já o disse! Que mais querem? interroguem-me! Eu lhes direi tudo, mas deixem-n' o ir d'aqui deixem-n' o...

O doutor commissario de policia ouviu-a sorrindo, triumphante.

Parecia-lhe evidente, e certo, que aquella mulher, colhida mais de surpresa, não lhe mentira: o seu amante não era tambem seu cumplice.

Todavia, que motivos levavam-n'a a a innocentar o assim com tanto ardor? O amor, talvez? E o commissario de policia sorriu scepticamente.

—De facto, não tem pois um cumplice? perguntou elle, com voz pausada e lenta, dirigindo-se a accusada.

—Não!—disse ella, firmemente.

—E, que lhe fez seu marido para que o matasse?

—Oh! Chaminard era um miseravel e eu o odiava! E todavia ameio-o, ha dez annos atrás, tanto quanto o odiava agora... Casando-nos, Chaminard tinha um olhar de cubica volvido apenas para o que eu possuia: um punhado de moedas de ouro, que se lhe escoou das mãos, como se l'has queimasse. Desde então Chaminard tornou-se o meu verdugo. Batia-me porque faltava-lhe o dinheiro e ria-se de mim porque me via chorar, tremula, cósida a um canto, sequer sem animo de olhal-o.

Um dia, o acaso collocou a meu lado um protector, um amigo... A minha affeição a Rene augmentava precisamente a medida que crescia um odio mortal por meu marido: Chaminard soube-o e fingiu ignoral-o. Principiou repentinamente por tratar-me com uma certa docilidade e nunca mais me bateu. De uma feita, por escripto, eu e Rene combinámos o nosso primeiro encontro... Chaminard

pretextara uma viagem; portanto, logo que elle se ausentasse Rene podia vir ver-me em minha propria casa. Escrevi-lhe e esperei-o. A noite o meu amigo appareceu.

Uma hora depois, se tanto, de repente, alguém bateu violentamente a porta.

—Chaminard—pensamos eu e Rene. E quedamo-nos attentamente a espera, ofegantes, e de mãos entrelaçadas, n'um instinctivo movimento de reciproca defesa. La fóra bateram novamente. Passou-se um seculo de angustias e depois, com um estrepito sinistro a porta escancarou-se a uma pressão mais forte... Que succedeu depois? Eu propria não me lembro bem... Vi Rene, pallido, mas calmo, predispor-se como que para uma lucta de morte e inevitavel; mas corri para elle, gritei-lhe como uma douda, suppiquei-lhe para que me deixasse só, e obrigando-o a fugir, esperei, immovel, que Chaminard entrasse...

Depois... depois Ah! vi-o correr para mim, livido de colera, e levantar o braço cujo punho contrahia o cabo de um punhal. A aguda lamina da armascintilhou no ar, um momento, ameaçadora mente...

—Canalha!—gritou Chaminard, presates a ferir-me. Mas eu, a tempo, segurei-lhe o braço... Minha mão alcançou a delle, e eu fiz um herculeo asforço, diligenciando abrir-lh'a para apossar-me do punhal... Chaminard rugia como uma fera, furioso por não me haver ferido ainda... Vagarosamente a mão se lhe entreabiu e o punhal, de subito, cahiu por terra... Ambos nós abaixamos para apanhal-o; mas um só, depois, se levantou... Era eu.

Chaminard, inerte e se esvahiando em sangue, jazia sobre o chão,—concluiu a assassina, com indifferença e calma.

DAVID FILHO

Dario Gouvêa

Para o norte do Estado em serviço de propaganda desta Revista, seguiu ante-hontem o nosso estimado director Sr. Dario Gouvêa para quem pedimos a valiosa protecção dos nossos amigos e favorecedores.

No numero passado devido ao atropello de serviço escaparam á revisão alguns *pasteis* que os leitores facilmente corrigirão.

27 annos na selva

CAPITULO III

Educação dos Baicarys



Chefe dos Baicarys

O facto narrado fez com que os Baicarys cortassem as relações com os «Carahybas» (assim chamam o homem civilisado) retardando desse modo a catechese de uma tribo por natureza mansa.

Uma vez, porém, entre elles, tratei de dar-lhes instrução, ensinando-lhes a ler e a escrever.

Os caracteres alphabeticos eram escriptos em folhas de ---tuta, ---pequeno arbusto aquatico que se encontra em quasi todos os rios do estado de Matto-Grosso.

A folha desse arbusto, depois de secca, toma a alvura e a flexibilidade do papel.

Por pennas de escrever---tinhamos as das aves que povoam as florestas; por tinta o---urucã--- e por mesa as costas dos---apás.*

Serviam-nos de escola quatro paus fincados no solo limpo, tendo por tecto folhas de palmeira.

Era assim o meu atheneu,

Ahi, sobre o papel que a natureza nos offerencia, meus discipulos debuxavam os caracteres alphabeticos.

Dotados muitos delles de intelligencia não vulgar dentro em pouco escreviam e soletravam seus nomes com alegria.

Terminados os trabalhos escolasticos iam reproduzir seus nomes na areia, tal a dedicação que tinham pelas letras.

Mas eu não lhes ensinava somente a ler e a escrever.

Querendo aproveitar as forças e dar pasto ás inclinações, principiei a cultivar a terra, lançando mão de instrumentos apropriados.

Não afeito, porém, a trabalhos tão rudes, era obrigado de tempos a tempos a abandonar a empreza, para depois, restauradas as forças, continuar a lide.

Com satisfação via meus esforços coroados de feliz exito, cobrindo-se a terra de util vegetação.

* Peneira de tecido compacto

O tempo era todo aproveitado. Assim tinhamos horas para a pesca, para a caça e para a eschola.

Com taes preocupações e trabalho fui me curando insensivelmente das affecções moraes, tornando-me um homem verdadeiramente equanime.

Os exercicios da pesca, da caça e principalmente os da lavoura, deram-me uma constituição physica invejavel, não deixando que os selvagens me sobrepujassem nas indiscrepiveis gymnasticas a todo o momento postas em pratica na vida selvatica.

Eu tinha uma saude de ferro !

A....

*A star that trembled o'er the dup
Then turn'd from earth its tender beam*

Estrella que scintilla sobre o abysmo
E da terra desvia os meigos raios.

Lord Byron--Poema Thyrsa

Oh ! não podes amar ! Deixas que a vida
no mundo se deslise em celio alfago !
Como sombra de templo amortecida
na face escura de dormente lago.

Esqueces o passado ! Essa esperança
de na terra viver a paz de um anjo;
trocas um mar azul todo bonança
pelos côros do céu ! ? Serás archanjo ?

Gondoleira de amor ! onde a Veneza
ahi se veste de saphira e prata;
onde acharás no céu esta deveza
em que á luz o matiz a flor retracta ?

N'um estado de céu se esvae a fôrma
que a paixão aprimora em devaneio:
d'argilla a natureza colhe a nóрма
e para o coração dentro do seio...

1874.

Dr. Catão Callado

O patriotico tiro 40 realisa, em commemoração a data de hoje, um *raid* militar individual, que consistirá na volta ao morro.

Aos vencedores serão distribuidos lindos premios. A commissão julgadora do *raid* será presidida pelo sr. dr. Governador do Estado



Caridade e Fé

Caridade e Fé são duas virtudes que tiveram a mesma origem.

Ambas nasceram dos ensinamentos purísimos das palavras de Jesus.

Uma, a *Caridade*, nos prodigaliza a satisfação de termos feito bem a outrem, a outra, a *Fé*, nos dá a consolação do bem que fazemos a nós mesmos.

Pela Caridade enxugamos as lagrimas, mitigamos as dores physicas e moraes dos que soffrem, pela Fé temos resignação para os nossos soffrimentos.

A Caridade nos dá a certeza de que, se a cultivarmos como nos ensinou o Divino Mestre, teremos a par da satisfação intima de termos contribuido para a felicidade do proximo, a recompensa d'Aquelle que vê com carinho os bons actos que praticamos.

A Fé pura, sem atavios de preconceitos que obsedam a Razão, fortifica a nossa crença, nos ensinando, como um livro aberto ante à nossa consciencia, que devemos ser bons e justos para recebermos, um dia, o premio que nos está reservado.

A Caridade nos ensina «amar ao nosso proximo como a nós mesmos»; a Fé nos ensina que devemos a amar a Deus como o factor de todas as cousas.

A Caridade e a Fé são duas virtudes que seguem a par pela senda da Razão.

B.

Trepações

O elegante mocinho, que é a delicia e a grande graça das rodas de Mlle. é «persona grata» nas festas «chics» da «élite».

Tem sempre uma declaração a fazer «sente sempre uma coisa lá por dentro» (já se vê que não se sabe por onde) e que, dizem todos, é paixão por Mlle. Inda ha pouco, o elegante e puro mocinho, morto de amores pelos grandes olhos de veludo de Mlle. não se conteve e saltou mesmo na presença das amiguinhas de Mlle.: «*te amo* muito. Sinto uma coisa cá por dentro...»

E Mlle poz-se a interrogar com os olhos a explicação daquelle lá por dentro.

Mlle. é aliada, terrivelmente aliada e duma belleza que encanta e escraviza.

Apreciadora calorosa da velha patria heroica de Camões, Mlle. flirta com o portuguezito moreno e fanfarrão, que tem na melodia da voz a dolencia nostalgica dos fados do Minho.

E dizem até que Mlle. tem uma grande sympathia pelo sotaque do luzo bohemio. Pudera não Mlle., si os portuguezes são os heróes da expulsão de mouros da peninsula.

Os dias que passam

Florianopolis tem uma velha instituição interessante e util: as lanterninhas das doceiras...

Encha-se a Cidade de luz; rozarios de bicos, electricos expiem, clareando as ruas; seja ella possuida pelo progresso, reformada, modernizada...as lanternetas, hão de continuar na sua missão utilitaria de instituição modesta.

As luzernas das doceiras são pharoesinhos annunciante a bradar: E' aqui o bom docinho; amendoim torrado só aqui.

E quem delles se approximar tem de reflectir sobre os apetrechos que formam a installação das vendedoras de doces: o bahu, o mais das vezes sem cor difinida, descascado quasi sempre e sempre de limpeza duvidosa; a lata do torrãozinho, cheia de amendoim, e mais a *medida* exacta dum vintem delles; a bailaiasinha ennegrecida pelo uso onde as doceiras guardam: um lenço grande berrando nas cores, uma caixa de phosphoros, um toco de vella, uns vintens p'r'os trócos, e, nas cestinhas das mais vaidosas, um pente e um embrulhinho de banha, o cosmetico das pobres negras, melando tudo....

Tem uma tripla missão, assim, as luzinhas das doceiras: fazem reclamo das mercadorias, dão *clareza* as compras, lizura ao commercio modesto de doces e amendoins e fazem a gente ver os segredos das quitandeiras, a vaidade dellas, as pobres pretas velhas dos doces...

A imaginação é como a lança fabulosa do heróe grego; serve para curar as feridas que faz.

Aquelles que a possuem em subido gráo, soffrem mais desgostos; mas, em compensação, tem mais consolação



Alinhavos

Florianópolis, a nossa formosa e poetica capital, mimoso ninho onde a vida desliza placida e serena, vai, dia a dia, se transformando n'uma cidade verdadeiramente prospera, graças á operosidade de seus filhos e ao tino administrativo de seus dirigentes.

Embora o terreno um tanto accidentado, o que em certo ponto constitue obstaculo á marcha do progresso, todavia as edificações se estendem, sem solução de continuidade, assoberbando colinas e montanhas que se ostentam repletas de bellas e confortaveis vivendas.

Ha, por toda parte, predios elegantes, edificios sumptuosos, verdadeiras obras d'arte que attestam o bom gosto de seus proprietarios e a competencia dos nossos constructores.

Incontestavelmente, neste abençoado recanto do nosso glorioso e opulento Brazil, a actividade manifesta-se em toda a sua plenitude. A instrução está amplamente diffundida, notando-se importantes estabelecimentos de ensino que muito honram o nosso futuro Estado.

O commercio e a industria, elementos propulsores por excellencia, encontram-se já assás desenvolvidos, existindo innumeradas casas importantissimas e fabricas cujos productos gozam de larga e merecida acceptação. Finalmente, a par do seu incontestavel adiantamento, das suas bellezas naturaes, Florianópolis tem ainda a recommendal-a a amenidade do seu clima e a excellencia do seu estado sanitario.

Fpolis, 8--5--916

Jacques da Silva

Uma carta

Do nosso joven contrerraneo Euphrasio Povoas de Siqueira, recebemos a seguinte carta, cujos conceitos muito nos penhoram:

«Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1916.—Carissimos redactores d'O OLHO.—Se me não fosse a distancia que me separa dessa terra querida, a qual dediquei o maior affecto que existia em minh'alma; a qual, nas minhas noites de insomnias e de vigílias, offereço todos os cantos do meu amor, por certo, teria sido o primeiro a cumprimentar-vos, meus caros contrerraneos, pelo brilhante exito alcançado com a publicação da bem feita revista «O Olho».

Aqui neste emporio babylonico que chamamos Rio, sinto-me, ás vezes, com a alma confrangida pela dor acerba da saudade... Sinto o acicate da melancholia penetrar no meu eu, sem que eu possa contel-o na marcha impiedosa a que se destina... E eu soffro atrozmente!..»

Os dois primeiros numeros da vossa querida revista, recebi-os eu, por gentileza de minha boa irmã que, conhecendo o affecto que dedico a tudo que se relaciona com a minha santa terra, m'os enviou crente da minha satisfação em recebê-los.

Meus caros amigos, apesar de viver no meio de «conspiratas» que, só tem cado resultados contraproducentes, sinto-me, no entanto, feliz, por saber que Santa Catharina progrediu muito e que a sua litteratura não é desconhecida do povo culto da Capital Federal. Ha quatro mezes, mais ou menos, fiz uma conferencia—«Os intellectuaes de minha terra».— conferencia essa, que, sinto-me orgulhoso em dizê-lo, foi um verdadeiro triumpho, pois, ao fallar em Virgilio Varzea, Horacio Nunes, Delminda Silveira, Araujo Figueredo, Cruz e Souza, Altino Flores, Laercio Caldeira, Diniz Junior, Joe Collaço e Barreiros-Filho, fui applaudido de um modo que, confesso, me sensibilizou sobremaneira. O meu maior espanto, porem, foi em saber que a nova geração de intellectuaes de Santa Catharina gozava de uma sympathia extraordinaria no nosso meio; e que o carioca intelligente sabe também dar valor aos que de facto o tem.

Avante, pois, oh! mocidade valorosa de Santa Catharina, porque o futuro ha de coroar os vossos esforços com a palma da gratidão de um povo.

Ja estou me alongando demasiadamente n'uma carta que tem por unico escopo, por unico objectivo, levar todos os votos de minh'alma, para que «O Olho» progrida sempre para honra da imprensa fundada pelo extraordinario genio de Gutenberg, todo o affecto de meu coração aos seus incansaveis redactores, que, no meu entender, são os verdadeiros benemeritos.

Acceitem, pois contrerraneos meus, os meus votos de prosperidade, juntamente com a sinceridade do meu affecto.

Euphrasio Povoas de Siqueira

Respondendo o teu bilhete...

A gentil dlle. Bellinha de Castro

O teu bilhete li com tanta comoção,
Achei-o tão gentil.. continha tal grandeza...
Que, queria, confesso...uma declaração
Fazer. Mas, emergi no vago da incerteza...

E na duvida atroz eu tenho o coração
Gelado. Dentro em mim--intermina tristeza!...
Faço esforços pr'a crer na mascula paixão
Que me pedes, assim, com tanta singeleza...

Eis, pois, o fructo bom desse capricho teu.
Reserva-o com amor contra a maldade humana
---Cyclone a desabar em tudo quanto é meu...

Não é declaração, prenuncio de tibieza
E' o grito colossal que de minh'alma emana
Para cantar-te assim oh! divinal belleza!...

Euphrasio Povoas de Siqueira